

## REPRESENTAÇÕES DE ALTERIDADE NO CONTO "O OUTRO", DE RUBEM FONSECA

### REPRESENTATIONS OF ALTERITY IN THE SHORT STORY "O OUTRO", BY RUBEM FONSECA

Giovana Oliveira Mendes (UFSM) <sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo é uma proposta de estudo do tema Alteridade, sendo fundamentado através de teorias de Eric Landowski e Zygmunt Bauman, entre outros autores. Como exemplo literário ilustrativo dessa questão, tem-se na Literatura Brasileira o conto "O Outro", de Rubem Fonseca. Em tal narrativa, identificam-se certos conflitos existentes entre dois indivíduos de classes sociais distintas que dividem o mesmo espaço urbano. Problemas de identidade e da não-aceitação do outro se apresentam de forma dramática no conto e demonstram a dificuldade que o ser humano tem de conviver com as diferenças.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alteridade. Identidade. Literatura brasileira.

**ABSTRACT:** This article is a proposal to study the topic Alterity, being based on Eric Landowski and Zygmunt Bauman theories, among others. As a literary example illustrating this issue, there is in Brazilian Literature the short story "O outro", by Rubem Fonseca. In this narrative, certain conflicts have been identified between two individuals of different social classes that share the same urban space. Issues of identity and non-acceptance of the other present themselves dramatically in the short story and demonstrate the difficulty that the human being has to live with differences.

**KEYWORDS:** Alterity. Identity. Brazilian Literature.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo identificar as possíveis manifestações de alteridade, encontradas no conto "O Outro", de Rubem Fonseca. A história gira em torno de um homem de negócios e um mendigo, considerado seu antagonista na trama. Pretende-se analisar o tipo de relação que se constitui entre esses dois personagens no decorrer da narrativa e suas consequências, como a tensão e o medo provocados pelo contato estabelecido entre eles, tendo em vista a diferença social desses dois sujeitos.

Todas as reflexões expostas neste trabalho apoiam-se nas teorias de Eric Landowski (2002), o qual se ocupa de questões relacionadas à alteridade e à identidade, além de Zygmunt Bauman (2007), o qual discute as transformações bruscas que ocorrem na vida moderna, usando o termo *tempos líquidos* para nomear a configuração da sociedade atual, entre outros autores.

Como a obra em questão trata de relações humanas, principalmente entre pessoas pertencentes a mundos totalmente opostos, convém mostrar os conflitos que podem ocorrer entre elas no que diz respeito as suas identidades, sem esquecer o meio

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras - Estudos Literários.

onde essas relações se estabelecem, que é o ambiente urbano, no qual a insegurança e o medo imperam, frente à instabilidade provocada pelas constantes mudanças.

Este artigo é composto de 4 tópicos. No primeiro são feitas considerações a respeito dos conflitos enfrentados pelo homem no que diz respeito a sua identidade. No segundo, são discutidas questões recorrentes da vida moderna, como a instabilidade e o medo, e no terceiro tem-se uma proposta de análise do conto já mencionado, em que são consideradas as idéias defendidas nos tópicos 1 e 2. Por último, no quarto tópico, estão as considerações finais, que retomam as idéias principais do trabalho, sem chegar a uma conclusão única, apenas apontando caminhos possíveis a partir de uma reflexão sobre os temas estudados.

## IDENTIDADE E ALTERIDADE: O ETERNO CONFLITO DO SER

De acordo com Landowski (2002: 4), o homem está condenado a poder construir-se unicamente pela diferença, ou seja, para que o *eu* exista, é necessário que haja um *Outro* que se opõe e, dessa forma, afirma a identidade do *eu*.

À primeira vista, não parece haver um problema nessa relação, pois a tendência é imaginar um *Outro* distante, inacessível, exótico. Pode ser um estrangeiro, alguém com o qual jamais teremos de conviver, no máximo dividir o mesmo espaço por algum tempo, como, por exemplo, quando turistas vêm ao nosso país ou quando visitamos o país deles. Mas no mundo cada vez mais globalizado em que vivemos, esses encontros podem ser muito mais frequentes do que desejamos e em alguns casos, esse *Outro* pode estar bem mais perto do que supúnhamos. Ele não precisa ser estrangeiro, pode ser até mesmo o nosso vizinho do lado, com costumes diferentes dos nossos, pode ser alguém de uma classe social diferente da nossa ou uma pessoa de outra etnia.

Em qualquer um desses casos, nossa identidade estará "ameaçada" e é aí que surgem, segundo Landowski (2002: 4), certas "práticas de enfrentamento sociocultural de caráter, às vezes, dramático, que acreditávamos ter desaparecido".

O mais comum ao nos depararmos com o "diferente" é negá-lo, ou seja, colocarmos os nossos valores acima dos deles, como se a nossa maneira de ver o mundo fosse a única possível, esquecendo-nos de que o *Outro* possui visões distintas que condizem com sua cultura, suas vivências, e, por isso, não são menos verdadeiras que as nossas, mas apenas diferentes.

Essa desqualificação do outro enquanto sujeito está relacionada, na maioria das vezes, às relações de poder. Os "fortes" dominam os "fracos", e, por isso, garantem a perpetuação da espécie, se fizermos uma analogia à Teoria Darwiniana da Seleção Natural. Assim, o rico supera o pobre, o branco é superior ao negro e ao índio, o sexo masculino domina o feminino, etc.

Diante dessa constatação, poderíamos pensar: Mas por que agimos assim? O que nos leva a sermos tão intolerantes em relação ao nosso dessemelhante? Seria o medo de perder nossa identidade, que consideramos única, original e estável? Talvez esse pensamento comum, de que a identidade é inerente a nós, que somos sujeitos prontos, acabados, seja o que nos leva a temer a contaminação pelo "Outro" e, inevitavelmente, a morte do nosso *eu*.

Tal percepção é desmistificada por Hall (2000 *apud* Baldissera, 2006: 4), o qual afirma que "o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e

estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, às vezes contraditórias ou não-resolvidas”.

E se observarmos bem, as pessoas não são sempre as mesmas, elas se modificam, de acordo com o tempo e com as circunstâncias. Nós mesmos agimos de diferentes formas de acordo com o lugar, a ocasião. Representamos papéis a todo o momento, usamos máscaras e, de tanto usá-las, muitas vezes esquecemos quem éramos originalmente. E essas “metamorfoses” ocorrem porque não vivemos isolados, vivemos em uma sociedade, a qual exige certas adaptações para melhor conviver com as diversidades.

Porém, isso não significa que iremos “perder a identidade”, pois ela é criada e recriada nessas relações de troca que estabelecemos com outros indivíduos. Somos seres em constante transformação, assim como o mundo no qual habitamos e talvez seja essa constatação que nos deixe tão inseguros em relação a nós mesmos. Não sabendo exatamente quem somos, corremos o risco de perder o rumo, de nos deixarmos invadir pelo *Outro*. Não conseguimos enxergá-lo como alguém que pode somar algo a nossa vida, às nossas experiências, com quem podemos estabelecer trocas e aprender coisas novas. O vemos como nosso inimigo e o tememos e, por isso, não somos capazes de reconhecer sua alteridade e respeitá-la.

## A INSTABILIDADE DOS TEMPOS MODERNOS

O medo que nos paralisa frente ao desconhecido, além de estar relacionado à “ameaça de perda do eu” que supomos existir nas relações com o *Outro*, muitas vezes também está atrelado à configuração atual da vida moderna, principalmente do ambiente urbano.

Bauman (2007: 7) define o atual período em que vivemos como sendo uma passagem da fase *sólida* da modernidade para uma fase *líquida*. Ou seja, para este autor, estamos vivendo um momento de instabilidade em todos os sentidos. Nada mais é imutável, duradouro; as transformações são constantes, tanto no setor político-social, como no pessoal. Segundo Bauman (2007: 10), a flexibilidade seria a virtude que poderia servir melhor aos interesses do indivíduo, pois isso implica estar sempre pronto a “mudar repentinamente de táticas e de estilo, abandonar compromissos e lealdades sem arrependimento”.

Infelizmente, nem sempre conseguimos ter essa postura frente aos acontecimentos. Temos nossa rotina diária e, para nos sentirmos seguros, procuramos mantê-la. Para algumas pessoas, uma simples mudança repentina já desencadeia um desequilíbrio. É uma sensação que temos de “estar sem chão”. Esse sentimento traz insegurança ao homem e o leva, muitas vezes, a buscar segurança no que é conhecido.

Aquele executivo que vai todos os dias para o trabalho, sempre pela mesma rua, almoça sempre no mesmo restaurante, acaba o trabalho e volta para casa, não mantém contato afetivo com ninguém, seria um exemplo (estereotipado, mas que existe em maior ou menor grau) de alguém que usa o trabalho como uma forma de proteger-se do mundo e, por conseqüência, de outros seres humanos. Esse sujeito se sente confortável com sua rotina e não quer mudá-la em hipótese alguma. E quando algo novo acontece – uma notícia inesperada, um encontro com um desconhecido – qualquer situação

diferente que se apresente para ele o perturba e desestabiliza. Logo a tensão se instala e ele passa a viver sempre em estado de alerta.

Esse fenômeno, se observarmos bem, é bastante comum nos grandes centros urbanos. Pessoas vão para o trabalho todos os dias, apressadas, com o olhar fixo, sem enxergar os outros que passam também apressados, sempre "correndo contra o tempo". Mulheres seguram firmemente suas bolsas, temendo serem assaltadas, pois as ruas estão cheias "deles", aqueles sujeitos que ficam espreitando, esperando a melhor oportunidade para se insurgirem contra suas vítimas. Na opinião de Bauman (2007: 15),

a vida social se altera quando as pessoas vivem atrás de muros, contratam seguranças, dirigem veículos blindados, portam porretes e revólveres e freqüentam aulas de artes marciais. O problema é que essas atividades reafirmam e ajudam a produzir o senso de desordem que nossas ações buscam evitar.

E a probabilidade de que esse medo se propague, provocando ações defensivas é imensa. A cada um importa sua sobrevivência individual e fazemos qualquer coisa para defendermos a nossa vida. Não importa o *Outro*, pois neste mundo fragmentado cada um cuida de si.

#### "O OUTRO", DE RUBEM FONSECA: UMA ANÁLISE POSSÍVEL

Neste conto, Rubem Fonseca trata da invisibilidade dos membros da classe mais baixa, por meio do personagem que é um mendigo, contrapondo-o com o que seria seu oposto, um homem de negócios.

O conto é narrado em primeira pessoa, na voz de um personagem que logo será identificado como um executivo.

Esse personagem-narrador inicia seu relato contando o percurso que fazia todos os dias, desde a chegada ao trabalho, que era sempre no mesmo horário – "Eu chegava todo dia no meu escritório às oito e trinta da manhã..." (Fonseca 2010: 72) –, incluindo o que ele costumava fazer, até sua chegada em casa.

Percebemos, pela sua descrição, que ele desempenhava um trabalho bastante exaustivo e nunca conseguia dar conta de tudo. Isso o fazia pensar que não havia feito nada de útil. As passagens em que ele diz: "Quando chegava a hora do almoço, eu havia trabalhado duramente. Mas sempre tinha a impressão de que não havia feito nada de útil" (Fonseca 2010: 72) e, logo após: "E sempre no fim do dia, eu tinha a impressão de que não havia feito tudo o que precisava ser feito. Corria contra o tempo" (Fonseca 2010: 72), demonstram que ele sente uma insatisfação com a vida profissional, que para ele estava cansativa e improdutiva. Além disso, ele se irritava quando tinha algum feriado no meio da semana, pois era menos um dia que tinha para produzir.

E quando ele conta: "Levava diariamente trabalho para casa, em casa podia produzir melhor" (Fonseca 2010: 72), podemos concluir que este indivíduo é um típico cidadão dos tempos modernos, sempre correndo contra o relógio, cada vez mais atarefado e sem nenhum tempo livre para cuidar de si mesmo ou conviver com outras pessoas. Ele se fecha em seu mundo, vivendo apenas para o trabalho e repetindo as mesmas tarefas todos os dias.

Percebemos também que as ações repetitivas desse sujeito demonstram sua falta de flexibilidade, característica contrária ao que Bauman considerava uma virtude do indivíduo que vive os *tempos líquidos* já mencionados.

Mas um dia acontece um fato novo: ele sente uma forte taquicardia enquanto está trabalhando e já é um indício de que algo irá alterar sua rotina. Ao descrever esse acontecimento, ele também lembra que nesse mesmo dia surgiu um "sujeito" ao seu lado, no momento em que ele está chegando ao escritório. Esse sujeito é um pedinte, que lhe solicita ajuda. Então ele lhe dá uns trocados e entra no escritório. Aparentemente, esse episódio não lhe causa nenhuma estranheza, é apenas um mendigo pedindo dinheiro, como qualquer outro que vive nas ruas da cidade. Mas, só pelo fato de esta passagem do dia ter sido lembrada pelo personagem-narrador, intuimos que não é um fato irrelevante na narrativa.

Aqui entra a questão da invisibilidade da classe mais baixa, pois aqueles que vivem à margem da sociedade geralmente são ignorados e, quando são vistos, não são vistos como um ser individual, mas como apenas mais um entre tantos dessa categoria, a dos *Outros*, sem rosto, sem nome, sem identidade.

Depois de contar sobre as sensações provocadas pela taquicardia, o personagem-narrador segue dizendo que na mesma tarde foi ao cardiologista e que, após alguns exames, o médico lhe pedira para diminuir de peso e mudar de vida. Inclusive, lhe pede também para parar de trabalhar por algum tempo. Mas isso para o executivo é impossível, ele até acha graça desse pedido, pois precisa trabalhar; como vimos anteriormente, ele vive do trabalho e, mais que isso, vive *para* o trabalho; não é tão fácil alguém como ele mudar a rotina da noite para o dia. No final da consulta, o médico lhe receita um regime alimentar e uma caminhada duas vezes por dia, pelo menos.

Acatando a recomendação do médico, no outro dia o executivo sai para fazer a sua caminhada no intervalo do almoço e acaba encontrando novamente o mesmo sujeito que lhe pediu dinheiro na véspera. Nesta passagem, ele descreve fisicamente o mendigo. "Era um homem branco, forte, de cabelos castanhos compridos" (Fonseca 2010: 73). Este lhe pede dinheiro novamente e o executivo, ao dar-lhe, simplesmente prossegue sua caminhada. Essa descrição do mendigo feita pelo executivo nos faz pensar que o pedinte já não é mais invisível; pelo menos sua aparência física foi lembrada pelo executivo.

O próximo episódio descrito pelo narrador-personagem é o de um dia de trabalho em que, apesar de ele ter tomado tranquilizantes e de não ter levado trabalho para casa, seguindo as recomendações médicas, não conseguia livrar-se da tensão. E a sensação de que o tempo não passava era nova para ele e difícil de suportar. Ele não conseguia desligar sua atenção do escritório. Tenta ler um livro, liga a TV, faz uma caminhada, lê jornal, mas continua impaciente e irritado. Isso ocorre porque ele estava acostumado a uma vida voltada somente para o trabalho e já não sabe mais viver com um tempo livre para o lazer. Antes, todo o seu tempo era preenchido com alguma atividade "produtiva"; agora ele se sente incomodado com o novo estilo de vida que deve adotar para preservar a saúde.

Observamos a partir desse episódio que esse indivíduo vive isolado, não tem amigos, nem pessoas com quem conversar, pois se antes, quando apenas trabalhava, poderíamos imaginar que era por falta de tempo que ele não convivia com ninguém, agora dispõe de um tempo só para ele, em que deve cuidar-se, mas mesmo assim, fica sozinho em sua casa quando não está no escritório. Prefere buscar atividades para passar

o tempo do que buscar a companhia de alguém. Isso demonstra que esse sujeito é um tanto anti-social, não tem interesse algum em conviver com outros seres humanos.

Essa atitude pode significar apenas comodismo, mas também pode sugerir que ele não queira relacionar-se com outras pessoas por medo. Medo de expor sua intimidade, medo de sentir-se explorado, talvez. Como não sabemos o real motivo desse seu modo particular de viver, pois o conto não explicita isso, apenas inferimos que seu comportamento indica certa aversão a contatos exteriores. É como se estivesse preservando sua identidade, e o isolamento é uma forma de se autoprotger contra uma possível invasão dos *outros*.

Continuando a narrativa, o personagem-narrador nos informa que novamente foi interpelado pelo mendigo que lhe pedira ajuda e que desta vez apela dizendo que sua mãe está morrendo, por isso precisa de remédio, e que não conhece ninguém bom no mundo além dele. O executivo, então, dá-lhe cem cruzeiros.

A partir daqui, percebemos que esse personagem (o mendigo) que não tem nome, apenas a designação de pedinte – pois só o que faz é pedir - começa a se mostrar mais, a ter voz na narrativa, pois ao falar da mãe, mostra que existe, que também tem uma história, que é alguém. Ele é o *Outro*, o oposto do personagem-narrador e nesse momento o título do conto se confirma.

Por uns dias, o pedinte some, mas logo volta a atormentar o executivo, dessa vez dizendo que sua mãe morreu e é tão dramático o seu pedido de ajuda que o executivo entende que ele quer dinheiro para o enterro. Então, pergunta qual é a quantia e, ao saber que é cinco mil cruzeiros, preenche um cheque e lhe dá, impaciente. Nesse momento, a tensão já é grande, as mãos do executivo tremem e ele perde totalmente a paciência. “Agora chega”, diz para o mendigo.

No outro dia, ele desiste de caminhar no horário do almoço, preferindo ficar no escritório. É um dia em que tudo deu errado, segundo ele, e esses problemas no escritório aumentam de tal forma sua tensão que à noite ele mal consegue dormir, mesmo com tranquilizantes.

Na outra manhã, parecia estar tudo bem, mas quando o executivo sai para a caminhada ao meio-dia, vê o sujeito que lhe pedia dinheiro e a tensão volta. Pela descrição que ele faz, percebemos que ele já se sente perseguido, já não vê o mendigo apenas como alguém que precisa de ajuda: “(...) estava em pé, meio escondido na esquina, me espreitando, esperando eu passar” (Fonseca 2010: 74). Ele volta em sentido contrário, mas o sujeito vai atrás e um sentimento de medo – “um sentimento infantil de medo com o qual eu tentei lutar...” (Fonseca 2010: 74) – toma conta do executivo. Quando o mendigo diz que precisa de ajuda, pois não tem ninguém no mundo, o executivo responde com autoridade: “Arranje um emprego” e o mendigo diz que não sabe fazer nada. Mas o executivo não quer comprometer-se com o *outro* e responde: “Não tenho que ajudá-lo coisa alguma.” A resposta do mendigo, “Tem, sim, se não o senhor não sabe o que pode acontecer” (Fonseca 2010: 75), soa como uma ameaça para o executivo, e a forma como o pedinte se aproximou, segurando-o pelo braço e olhando-o foi reveladora. “Pela primeira vez vi bem como era o seu rosto, cínico e vingativo” (Fonseca 2010: 75), relata o executivo. E diz, por fim, que seria a última vez que lhe daria dinheiro.

Neste trecho da narrativa, percebemos que o personagem do mendigo cada vez mais reivindica sua posição, tanto dentro do texto – ele ganha importância por suas falas, que se tornam mais persuasivas – quanto na questão social proposta, ao demonstrar a inconformidade com a falta de reconhecimento de sua alteridade, pois o

que está em uma posição social superior não consegue se colocar no lugar do que está "à margem". O homem de negócios não percebe o mundo em que vive o seu *oposto*, pois para um mendigo, não é tão fácil arranjar um emprego, como sugere o executivo.

Observamos também, nesse diálogo, exemplos do que Landowski havia identificado como práticas de enfrentamento sociocultural, assunto exposto no primeiro tópico do artigo e reiterado pelo conto, já que os dois personagens se confrontam de maneira dramática, cada qual tentando impor sua personalidade sobre o outro.

Outra passagem relevante para esta análise é o relato do executivo sobre o momento em que vê pela primeira vez o rosto do mendigo. Quando o descreve, notamos que seu olhar enxerga um lado ruim do *outro*, um lado até mesmo perigoso.

Ao relatar os próximos episódios, o narrador-personagem nos informa que continuou sendo perseguido pelo mendigo, cada vez mais ameaçador, na visão dele, e, inclusive, culpa-o por arruinar sua saúde, não percebendo que isso já vinha acontecendo mesmo antes de ele ter entrado em sua vida. O problema inicial era com o trabalho e agora, todos os sentimentos negativos se direcionam ao sujeito que lhe persegue. Neste momento, o executivo quer distância daquele que lhe atormenta, e questiona: "Que culpa eu tinha de ele ser pobre?" (Fonseca 2010: 75).

Então ele resolve parar de trabalhar por uns tempos, mas no início, como qualquer pessoa acostumada com uma rotina, tem dificuldades, se sente perdido, sem saber o que fazer. Com o tempo, porém, vai se acostumando e, nesse momento, pensamos que ele realmente conseguiu mudar de vida e acabou a tensão, pois realmente está disposto a cuidar mais de si e até mesmo pensa em trabalhar menos.

Porém, essa fase não dura muito tempo, pois um dia ele está saindo para a caminhada habitual e novamente encontra o mendigo, que, segundo seu relato, "surgiu inesperadamente". O executivo fica perplexo, pois não entende como o sujeito descobriu seu endereço. E a história se repete. O mendigo sempre com o mesmo discurso, dizendo que precisa de dinheiro e que é a última vez que pede. Mas torna-se ainda mais insistente, chegando bem perto do executivo: "Ele encostou seu corpo bem junto ao meu, enquanto caminhávamos, e eu podia sentir o seu hálito azedo e podre de faminto" (Fonseca 2010: 76).

A descrição feita pelo executivo sobre a aparência do mendigo agora é: "Ele era mais alto do que eu, forte e ameaçador" (Fonseca 2010: 76). Percebemos que, apesar de o mendigo ser considerado pelo executivo como inferior socialmente, na aparência é superior a ele, pois é *mais alto* do que ele e, além disso, desperta medo, pois é *forte e ameaçador*.

A atitude do executivo, a partir desse momento, muda completamente. Ele está em uma condição limite; já não sabe mais o que fazer com essa situação repetitiva, com essa perseguição que não termina nunca e o deixa cada vez mais tenso. Então, resolve ir em direção a sua casa, sendo acompanhado pelo mendigo: "Com o rosto fixo virado para o meu, me vigiando curioso, desconfiado, implacável" (Fonseca 2010: 76).

O executivo diz para o outro o esperar, quando chegam. Fecha a porta e vai até o quarto. Quando volta, há um suspense, pressentimos que algo trágico irá acontecer, como nos romances policiais. O mendigo ainda faz um último apelo: "Não faça isso, doutor, só tenho o senhor no mundo" (Fonseca 2010: 76). Mas o executivo nem mesmo o ouve com o disparo do tiro. Ele o mata e só depois percebe a verdadeira face do *outro*: "Ele caiu no chão, então vi que era um menino franzino, de espinhas no rosto e de uma palidez tão grande que nem mesmo o sangue, que foi cobrindo sua face, conseguia esconder" (Fonseca 2010: 76).

O final do conto surpreende, pois o olhar do executivo sobre o *outro*, até esse momento, levou o leitor a acreditar que esse sujeito não era mesmo confiável, tanto por sua aparência física como por suas atitudes de perseguição. No entanto, acabamos descobrindo a inocência de um menino.

O conto nos faz pensar sobre nossas atitudes preconceituosas e pré-julgadoras em relação ao que é *diferente*. Infelizmente, temos muita dificuldade em compreender e aceitar a alteridade, mesmo estando diariamente expostos a ela. Vemos o outro somente a partir de nós mesmos, e, por isso, não o enxergamos realmente como é; esse olhar superficial acaba por nos cegar, levando-nos a atitudes equivocadas e egoístas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi fazer uma reflexão a respeito do choque que se dá a partir do encontro entre classes socioculturais distintas, e, tendo como ponto de partida a análise literária, foi escolhido o conto "O Outro", de Rubem Fonseca, por apresentar um conflito vivido por um dos personagens, o qual apresenta uma notável incapacidade de conviver com a alteridade.

No conto mencionado, nos deparamos com diversas leituras que giraram em torno de como é construído o olhar sobre o *diferente*, neste caso, o excluído em termos sociais.

É por meio da visão do personagem-narrador, o qual enxergou o menino pedinte como um sujeito ameaçador e perigoso, que está sendo representada, de certa forma, a visão que a classe dominante tem da classe pobre, ou seja, um olhar preconceituoso e desconfiado, sinalizando medo, desprezo e desconhecimento do *outro*.

Mas não podemos deixar de admitir que a própria sociedade moderna colabora para que os cidadãos vivam constantemente nesse estado de tensão e estresse. Tal situação, provocada pelo excesso de trabalho, pela violência e desigualdade social, submete diariamente os indivíduos a uma competição desumana em busca de sobrevivência em um mundo capitalista e globalizado.

A questão que permanece é: Como lidar com a heterogeneidade racial, cultural, econômica e social, cada vez mais presente em nossas vidas?

As respostas dependem de como cada um vê o *outro*; se o percebemos como um ser estranho, diferente de *nós*; e, por isso, indigno de confiança e até mesmo inferior; ou se tentamos enxergá-lo a partir da perspectiva *dele*, do seu mundo e de suas vivências, aceitando ou, ao menos, respeitando sua alteridade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDISSERA, R. *Comunicação, identificações e imagem-conceito*. UNIrevista, v. 1, nº 3. julho 2006. Disponível em: <<http://www.unirevista.unisinus.br>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

BAUMAN, Z. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FONSECA, R. *Feliz Ano Novo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

Estação Literária

Londrina, Vagão-volume 7, p. 48-56, set. 2011  
ISSN 1983-1048 - <http://www.uel.br/pos/letras/EL>



LANDOWSKI, E. *Presenças do Outro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

---

**Artigo recebido em 5 de julho de 2011 e aprovado em 8 de agosto de 2011.**